

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES**

**CONHECIMENTO EMPÍRICO NA EXPLORAÇÃO MINERAL, FLORESTAL E
AGRÍCOLA NA AMAZÔNIA**

Francisco Benedito da Costa Barbosa

Sócio Fundador IPADES

A exploração econômica da Amazônia, tendo como suporte o conhecimento empírico, seja pelo extrativismo, seja pela agropecuária, perdurou por séculos, e ainda hoje está presente. Contribuiu para esse tipo de exploração, a falta de conhecimento científico e tecnológico, seja pela disponibilidade de tecnologias, seja pela não adoção, das poucas disponíveis pelo produtor; a rica biodiversidade; o potencial mineral; a demanda por produtos amazônicos; a dimensão do território a ser explorado. Nessas condições de produção não entra a variável sustentabilidade, mas apenas o uso do recurso com objetivo econômico.

O conhecimento científico se pautava na busca de plantas de importância econômica para implantação nos jardins botânicos na Europa, para criar novas opções econômicas e também para o conhecimento da geografia desta região. Várias foram às expedições estrangeiras que exploraram a Amazônia com esses objetivos, desde o Brasil Colônia até o século XX.

Nessas condições, se a produção era extrativa, não ensejava mudança para um sistema de cultivo, exemplo histórico e relevante é o da exploração da seringueira, quando a Amazônia perdeu sua posição hegemônica no mercado para os plantios do Sudeste asiático. Mesmo sem essa concorrência a produção extrativa não manteria a produtividade para atender uma demanda crescente imposta pelo mercado, a tendência era a exaustão do recurso natural. Na produção agropecuária a queda de produtividade, pelo uso sucessivo da mesma área, leva o produtor a explorar uma nova área recomeçando o círculo de desmatamento.

No período colonial, quando os produtos amazônicos começaram a ser explorados, tiveram papel importante, tanto no rompimento dos limites do Tratado de

Tordesilhas, extinto em 1750, aspecto geopolítico que aumentou o território brasileiro, como também, na economia extrativa que se instalou na região. A expansão do território brasileiro, na Amazônia, contou com a decisiva viagem do capitão Pedro Teixeira (1540-1641), que de 1637 a 1639, subiu os rios Amazonas e Solimões até Quito, no Equador, com o objetivo de garantir a posse do rio Napo para a Coroa portuguesa, entre outros. A rodovia Pará-Maranhão (BR 316), que liga o Pará e o Maranhão ao Nordeste, leva o nome de Pedro Teixeira, e tem uma estátua do explorador português apontando para a Amazônia, instalada em um bosque que circunda a rodovia, no município de Santa Luzia do Paruá (MA).

A exploração mineral, pioneira na atividade econômica na Amazônia, data de 1602, quando holandeses teriam adentrado no estuário do rio Amazonas, mais precisamente no rio Maracá, hoje território do Amapá, e lá descobriram ouro, dando início à garimpagem nesta região. Documentos de 1623 destacam a presença de ingleses no rio Cajari com o objetivo de dominar e colonizar a região que hoje é o município de Mazagão (AP), onde se encontravam minérios em seu subsolo. Ressalte-se ainda que no século XVII, a ocupação da região de Calçoene (AP), por aventureiros franceses, holandeses e ingleses, que buscavam além de outras riquezas, principalmente ouro, os quais acreditavam ali existir em grande quantidade. (1) A Amazônia possui uma extensa e diversificada província mineral, cujo expoente é Carajás, no Sudeste do Pará, onde se instalou o Projeto Carajás, na década de 1980, originando a ferrovia dos Carajás, ligando a mina de minério de ferro, em Parauapebas (PA), ao porto do Itaqui em São Luís (MA).

A economia extrativa da floresta contou como principais produtos as “drogas do sertão”, a borracha e a madeira. Drogas do sertão eram diversos tipos de especiarias como plantas, raízes, semente, frutas, ervas medicinais, etc., representadas com maior destaque pelo cacau, cravo, guaraná, urucum, poiaia e baunilha. Elas dominaram a exploração econômica desta região no início do período colonial.

Até o início do século XVIII o cacau não oferecia mais que uma beberagem primitiva dos habitantes da Amazônia, e que mal ainda penetrava ou não nos costumes alimentares do colonizador. No entanto, o chocolate, a princípio, segredo dos conquistadores espanhóis do México, que o conheceram com o povo ameríndio Maias, ficou conhecido e apreciado não só na Espanha, mas por toda a Europa, e lá se instalaram fábricas de chocolate na Espanha, na França, na Alemanha e na Inglaterra. Criava-se o mercado para o cacau.

No início da década de 1730, o cacau tinha se tornado o principal produto de exportação da Amazônia, posição que continuaria a ocupar por mais de um século. Entre 1730 e 1744, esse produto representava 90,6% do total de exportações registradas em Belém; entretanto, entre 1745 e 1753, essa percentagem baixou para 61%, mesmo assim, sua participação continuava expressiva.

Ele teve papel importante no processo de colonização da Amazônia durante o século XVIII, e também proporcionando uma boa parte dos rendimentos da Coroa portuguesa nesta região. O cacau promoveu o primeiro ciclo econômico da Amazônia. Seu peso na economia regional estendeu-se até por ocasião da Independência do Brasil, quando foi deslocado pelos plantios na Bahia, oferecendo um produto de melhor qualidade e em quantidade.

A Bahia entra no cenário da produção de cacau a partir de 1746 quando sementes desse fruto foram levadas do Pará por Frederico Warneaux para o fazendeiro Antônio Dias Ribeiro, na fazenda Cubículo, às margens do rio Pardo, no município de Canavieiras (BA). Em 1752 foram efetuados os primeiros plantios de cacau em Ilhéus (BA). (2)

De objeto de curiosidade no início de seu conhecimento pelos europeus, a borracha logo passaria a constituir um produto de largas perspectivas no comércio internacional, cuja demanda crescia incessantemente no século XIX e com ímpeto ainda maior no século XX. Sua importância como matéria-prima para a indústria deveu-se a três acontecimentos.

O primeiro foi a descoberta do processo de vulcanização, em 1839, por Charles Goodyear, que consiste em adicionar enxofre à borracha em temperatura de 140º/150ºC durante algumas horas, tornando as propriedades da borracha inalteradas. O segundo fator foi a invenção do pneu para bicicleta efetuado por John Boyd Dunlop, em 1888. Essas descobertas impulsionaram a nascente indústria automobilística. O terceiro a contribuir foi a mudança técnica ocorrida no setor de transportes com a introdução do navio a vapor, em 1853. Como consequência desses fatores teve-se o aumento da demanda pela borracha, repercutindo na Amazônia com forte incentivo à produção extrativa. (3)

Essa indústria, que se consolidou durante a segunda Revolução Industrial (1850-1950), forneceu os elementos necessários para o crescimento da economia gomífera. Isto porque, a articulação do capital internacional contando com áreas de produção da matéria-prima e mão-de-obra abundante criou condições para que os

seringais pudessem produzir na escala que atendesse a demanda industrial pela borracha. A Amazônia com a produção extrativa da borracha não conseguiu acompanhar esse ciclo, ao perder competitividade com a produção de cultivos do Sudeste asiático, a partir de 1912, ficou fora do mercado gomífero.

Mas, no período hegemônico da produção amazônica (1870 a 1910), a economia da borracha fez o boom econômico desta região, que a marcou o período com o título de *Belle Époque*, para as cidades Belém e Manaus. No ciclo, que se estende de 1898 a 1910, a participação da borracha, na pauta de exportação brasileira, a colocava em segundo lugar, atrás apenas do café. Em 1898 a relação foi de 21% para a borracha e 55% para o café; em 1910 foi de 40% e 41% respectivamente. Em 1920 a exportação de borracha caiu para 3%. (4)

Nessa euforia, em 1908, a produção extrativa de borracha da Amazônia representava 94,4% do total mundial. Nessa ocasião, o *glamour* da economia regional aliado ao monopólio da produção de borracha, fez com que as lideranças amazônicas, que exploravam essa matéria-prima nativa, por não acreditarem no plantio da seringueira, na Ásia, proclamassem:

“Não precisamos nos preocupar com as plantações de borracha que surgiram na Ásia. As condições climáticas, especiais do Vale Amazônico, o nosso sistema de beneficiamento de nosso produto, que atualmente está sendo aplicado com tanto êxito às regiões seringueiras, algumas ainda inexploradas e, finalmente, as inúmeras necessidades da indústria moderna, nos permite fazer pouco caso do que os outros estão realizando no mesmo setor. Com efeito, se não considerássemos um dever acompanhar as descobertas científicas relacionadas com a borracha da Índia, poderíamos perfeitamente ignorar por completo as plantações estrangeiras”. (5)

Em 1913, a produção de borracha do Sudeste asiático alcançou a produção do vale amazônico. O jornal, *O Rebate*, de Rio Branco (AC), em 12.10.1913, no artigo “*O Despertar de um Pesadelo*”, do redator José Alves Maia, afirmava:

“Todos os que vivem e laboram na grande Amazônia vêm sofrendo a angustiada pressão de um cruel pesadelo... A feição mais marcante da crise da nossa borracha é sem dúvida a que se relaciona com a tremenda concorrência das plantações do Oriente. Abundantíssima, ameaçando abarrotar os mercados, produzida a baixo custo, a borracha do Oriente toma o lugar do produto que era quase exclusivo da nossa região”.

Em 1918, a produção de borracha da Amazônia caiu para 10,9% do total mundial. (6) A realidade, e também o sonho da economia extrativa da borracha levar as principais cidades da região, Belém e Manaus, a um *status* de cidades europeias esvaiu-se. E mais, a região entrou em uma estagnação econômica que só veria a começar se alterar na década de 1940.

O extrativismo madeireiro também teve força na Amazônia. No Amapá, nas décadas de 1960 a 1990, essa atividade chegou a elevar em 32,4% sua participação na economia amapaense. Esse desempenho apoiou-se na exploração da espécie nativa virola (*Virola surinamensis*). Com o esgotamento dos estoques naturais, empresas madeireiras foram desativadas. (7) No Pará, do final da década de 1970 até a metade da década de 1990, o município de Paragominas foi considerado o maior polo madeireiro da América Latina. Em situação análoga a do Amapá, a economia madeireira sofreu a mesma consequência com o esgotamento das espécies nativas. (8)

Na pecuária extensiva, sistema de produção não extrativo, mas com tecnologia empírica, defronta-se novamente com a queda da rentabilidade, cite-se como exemplo o que ocorreu em Paragominas (PA), mas extensivo à toda Amazônia. Este município é pioneiro na implantação de pastagem plantada em terra firme na Amazônia brasileira, motivada pela abertura da rodovia Belém-Brasília, em 1960. A derrubada da floresta seguida da queima da biomassa promove a fertilidade momentânea do solo; com o semeio da semente de capim, forma-se uma pastagem exuberante. Porém, após aproximadamente dez anos de pastejo ocorre o declínio da fertilidade do solo, e com este, a queda da produtividade da pastagem diminuindo a capacidade de suporte animal, comprometendo a rentabilidade desse sistema de produção. (9)

Os exemplos aqui mencionados, acontecidos nestes 400 anos da história da Amazônia, com crescimento e declínio, com o cacau, a borracha, a madeira e a pecuária extensiva, Eles bem demonstram a incapacidade de se estabelecer uma economia de escala, sustentada, com rentabilidade e sustentável, capaz de promover o desenvolvimento regional, à base do extrativismo, e do conhecimento empírico nas cadeias produtivas da agropecuária e do setor florestal.

NOTA

1 IEPA. 2010, p.21, apud FERREIRA, 1990; LOPES (1998).

2 ALDEN, 1974, p. 32, 44. SOUSA et al. 1998, p. 33. HOMMA, 2003, p.33, 37,38.

- 3 SANTOS, 1980, p. 53. HOMMA, 2003, p. 48.
- 4 SANTOS, 1980, p. 290.
- 5 PARÁ, 1908. HOMMA, 2003, p. 76.
- 6 REVISTA GOOD YEAR, 1989. HOMMA, 2003, p. 79.
- 7 PORTO, 2003.
- 8 Constatação *in locu* pelo autor deste *paper*.
- 9 *Ibdem* nota 8.

REFERÊNCIA

- ALDEN, D. *O significado da produção de cacau na região amazônica no fim do período colonial: um ensaio de história econômica comparada*. UFPA/NAEA, 1974.
- FERREIRA, L. G. *As relações sociais no garimpo do Lourenço: um estudo de caso*. Belém: UFPA, 1990. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Trabalho de Conclusão de Curso.
- HOMMA, A. K. O. *História da agricultura na Amazônia: da era pré-colombiana ao terceiro milênio*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.
- IEPA. INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO DO AMAPÁ. *Diagnóstico do setor mineral do Estado do Amapá*. Macapá: Iepa, 2010.
- LOPES, M. V. *Isto é Amapá*. Goiânia: Kelps, 1998.
- PARÁ. Governo do Estado. *Álbum do Estado do Pará*. Paris: Chaponer, 1908.
- PORTO, J. *Amapá: principais transformações econômicas e institucionais, 1943 a 2000*. Macapá: GEA/SETEC, 2003.
- REVISTA GOOD YEAR. São Paulo, 1989. Edição Especial: 50 anos.
- SANTOS, R. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz 1980.
- SOUSA, J. S. I. S. de; PEIXOTO, A. M.; TOLEDO, F. F. de; REICHARDT, K. *Enciclopédia Agrícola Brasileira*. São Paulo: Edusp, 1998. 2^o v.